VIVÊNCIAS DE JUVENTUDES EM ESPAÇOS URBANOS: GRAFITE E PICHAÇÃO COMO EXPRESSÕES DE SUBJETIVIDADE*

DOI 10.18224/frag.v29i3.7800

LUCIANO DOMINGUES BUENO**
MARIA LAURA BARROS DA ROCHA***
ADÉLIA SOUTO OLIVEIRA****

Resumo: *grafites e pichações são recursos privilegiados de aproximação entre processos psicossociais constitutivos das juventudes e movimentos sociais. Para tanto, objetiva-se refletir sobre as juventudes no contexto urbano e estabelecer suas relações psicossociais com os territórios e seus processos de constituição mútua, por meio do registro de 224 fotografias em 24,2 quilômetros de vias públicas de Maceió, Alagoas. Na análise qualitativa delinearam-se 326 inscrições, presentes nas imagens, com as categorias temáticas: Assinaturas, Torcida Organizada e Política. Os resultados indicam o grafismo urbano como objetivação da pluralidade das juventudes em suas marcas, discursos e utilização de via alternativa aos canais hegemônicos de comunicação. Conclui-se que as inscrições urbanas grafites/ pichações são expressões da subjetividade. Ideias políticas, culturais, desportistas, vivenciadas na cidade são compartilhadas e difundidas, por essas produções, e constituem memória, com seus conteúdos sociais e históricos, ou seus efeitos estéticos - das formas e cores - que as constituem.*

Palavras-chave: *Juventudes. Subjetividades. Psicologia Social.*

Os muros, como aponta Padilla (2013), sempre foram espaços privilegiados de expressão dos moradores, mesmo em cidades que pré-datam o nascimento de Cristo. Atualmente, esses locais urbanos estão repletos de grafias não formais,

* Recebido em: 27.10.2019. Aprovado em: 28.11.2019.

** Psicólogo, graduado pela Universidade Federal de Alagoas. Residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso (UFAL/ Hospital Universitário Alberto Antunes). Pesquisador dos seguintes temas: iconografia, imaginação, criação e arte, em contexto psicossocial. *E-mail*: lucianodbueno@gmail.com.

*** Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestranda na linha "Processos Psicossociais" do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Participante do Grupo de Pesquisa "Epistemologia e Ciência Psicológica", desde 2015. *E-mail*: laurabarrosrocha@gmail.com.

**** Docente pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). *E-mail*: adeliasouto@ip.ufal.br.

que disputam espaço com práticas formalizadas, como a sinalização e a propaganda, e pelas quais as pessoas passam ao transitar nas ruas. O grafismo informal, praticado por pessoas ou grupos, aparece em estudos como um fenômeno socioambiental (PADILLA, 2013), que tem relação com práticas organizativas (VIEGAS; SARAIVA, 2015), e como estratégia de ocupação das cidades (TAVARES, 2010).

Há mais de uma década tem sido apontado o aumento da quantidade de grafites e pichações nos espaços públicos. Contudo, o mesmo crescimento não segue correspondência em pesquisas que se interessem pela temática (FURTADO; ZANELLA, 2009). Pode assim indicar a relevância de investigações e percursos metodológicos como o apresentado no presente estudo.

Desde o seu surgimento, em movimentos de contestação da década de 60, na Europa, até a sua apropriação pela cultura *Hip Hop* norte-americana, em meados dos anos 80, a escrita em muros tem relação próxima com aspectos compartilhados pelas juventudes (FURTADO; ZANELLA, 2009; SILVA, 2004). No contexto brasileiro, ela aparece inicialmente relacionada à cultura do *Hip Hop*, como estratégia de estabelecimento de vias alternativas para processos culturais de características hegemônicas e que não alcançavam representatividade para a população das periferias (FURTADO; ZANELLA, 2009). Nesse sentido, é possível propor tais manifestações gráficas como recursos privilegiados de aproximação entre processos psicossociais constitutivos (individuais e coletivos) relacionados às juventudes e movimentos sociais.

Silva (2004) nomeia seu trabalho como *Escutando a adolescência nas grandes cidades através do grafite*, no qual afere a capacidade do grafismo urbano como exercício de escuta direcionada à juventude. De forma semelhante, Costa-Moura (2005) buscou contextualizar uma leitura contemporânea da adolescência a partir do grafite, enquanto Ceará e Dalgalarrondo (2008) investigaram processos identitários e de motivação de jovens pichadores em medida socioeducativa. Já no artigo *Culturas juvenis na FEBEM* (VIANNA, 2005) o grafismo surge como estratégia de promoção de espaços de diálogo criativo e em Zan (2010), como formas de resistência e participação juvenil.

Comumente a distinção entre grafite e pichação se caracteriza pelo primeiro ser identificado como mais próximo a um fazer de ordem artística e o segundo, relacionado às práticas de vandalismo e depredação de patrimônio público e privado (SILVA, 2004). Entretanto, autores como Silva (2004), Furtado e Zanella (2009) apontam a dificuldade em delimitar uma clara cisão entre os dois modos de produção gráfica, posto que muitas vezes seus autores pratiquem ambas as atividades. Assim, os elementos que compõem essas imagens aparecem nos dois tipos de produção (SILVA, 2004; FURTADO, ZANELLA, 2009).

Entretanto, Silva (2004) indica um caminho possível de distinção entre grafite e pichação: a intencionalidade de quem confecciona o grafismo e sua relação com a legalidade. Contudo, ao pensar a possível função social que o produto final possui – decorrente das repercussões do grafismo urbano em quem se depara com o mesmo – pode parecer limitante uma leitura que se atém, apenas, a autoria da obra. Por esse motivo, alguns autores preferem não estabelecer fronteiras claras entre as práticas do grafite e da pichação. O mesmo ocorre quanto ao entendimento dessas produções gráficas estarem na posição ou não de arte (CLINI, 2013; VIANNA, 2005).

O referencial teórico da Psicologia Sociohistórica, adotado no estudo, permite equacionar esse debate e solucionar tais impasses, por meio da proposta vigotskiana de uma análise da obra que se atenha a mensagem que ela transmite (VEER; VALSINER, 1996).

Vygotsky indica a mensagem como o ponto em comum entre os dois extremos de qualquer obra (criação e recepção). Àquela deve ser o objeto de análise para que não sejam realizadas interpretações deslocadas para um desses extremos.

Além disso, a perspectiva dialética e interacionista da constituição da condição humana, na ação sobre o meio (VYGOTSKY, 1998), reforçam a potencialidade da discussão. Isso porque, essa perspectiva teórica convida-nos a encarar os produtos da criatividade humana (aqui os grafites e pichações) como materialização de configurações socioculturais (VYGOTSKY, 1999a; 1999b; 2009; WEDEKIN, 2015).

A escolha da utilização do termo plural "juventudes", neste artigo, perpassa um posicionamento sócio-histórico da pluralidade de vivenciar e de ser jovem, as quais são cultural e historicamente situadas. Por essa concepção, torna-se inviável a generalização de uma juventude através da construção de um modelo (DAYRELL, 2003) ou mesmo a defesa de uma visão etapista, que a trata como sinônimo de adolescência (AUGUSTIN; GEARA; KESSLER; CASTRO, s.d). Nesse sentido, "a condição juvenil é plural, culturalmente localizada, e não um atributo humano inato" (SILVA, 2014, p. 265).

Esta perspectiva também se contrapõe a uma imagem de juventude como apenas na dimensão de transitoriedade, de "vir-a-ser", uma vez que os jovens são vistos como sujeitos sociais capazes de "interpretar e atribuir sentido ao mundo [..] à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, às sua própria história e à sua singularidade" (DAYRELL, 2003, p. 43).

Desse modo, busca-se refletir sobre as juventudes no contexto urbano e estabelecer suas relações psicossociais com os territórios e seus processos de constituição mútua, por meio do grafismo urbano informal. Para tanto, toma-se como base 224 fotografias, que registram 326 inscrições, ao longo de 24,2 quilômetros de vias públicas da capital alagoana Maceió, provenientes de pesquisa acerca de tais produções gráficas e sua relação com a composição do espaço urbano (MINAYO, 2017).

O desenvolvimento de percurso metodológico se configura como importante estratégia metodológica em estudos sobre juventudes e o grafismo urbano e relações com o território.

MÉTODO

Trata-se de pesquisa de caráter qualitativo e documental (fotografias produzidas durante o desenvolvimento da pesquisa). Entende-se a pesquisa documental como uma "busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação" (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

Como critério de registro de informações fotográficas para compor os documentos, estabeleceu-se um recorte geográfico pela via de maior circulação de pessoas, pedestre e motorizada, que atravessa a cidade, em via dupla. Portanto, são inscrições imagéticas de "audiência" significativa na cidade estudada.

Assim, a etapa de registro fotográfico, em novembro de 2016, das produções gráficas (grafites, pichações e agrupamentos dos mesmos) resultou em 224 imagens, registradas ao longo de 24,2 quilômetros, de via pública, no município de Maceió. Concomitantemente, realizou-se a etapa de registro geográfico (via GPS) de cada uma das fotografias, a fim de

possibilitar a sistematização das produções no mapeamento que demonstra sua localização e distribuição geográfica, ao longo do território investigado. Durante o registro, utilizou-se o aplicativo de mensagens *WhatsApp* para anexar às imagens sua localização geográfica, por meio de recurso de compartilhamento de localização GPS, o qual viabilizou a ordenação e sistematização das informações, de acordo com sua distribuição no território percorrido.

Em seguida, na etapa de armazenamento e codificação, os dados de imagem e localização dos grafites e pichações foram alocados no *google drive*, onde passaram por um processo de nomeação e codificação que permitiu a ordenação sequencial de produção das imagens. Posteriormente, realizou-se o geoprocessamento e mapeamento, em que as coordenadas de posição geográfica, de cada uma das imagens, configuraram um mapa *online* (*Google Maps),* particular da pesquisa, criado na mesma conta de armazenamento de imagens, que sistematizou a distribuição geográfica das produções analisadas. Desse modo, o mapeamento organiza, codifica, ordena a apreensão imagética e viabiliza a demonstração gráfica da distribuição das inscrições de imagens no espaço urbano.

Em consonância com o geoprocessamento utilizado como estratégia de investigação na pesquisa em Psicologia (STASSUN; PRADO, 2012), destaca-se seu potencial de registro de aspectos geográficos e territoriais que acrescem outras dimensões analíticas nas pesquisas sociais. Neste estudo o mapeamento sistematiza e codifica a demonstração gráfica das imagens produzidas, o que facilita o procedimento de transcrição dos conteúdos presentes nos grafites e pichações fotografados.

As coordenadas de análise de conteúdo (BARDIN, 2006; MINAYO, 2017) permitiram a realização da leitura exploratória das transcrições das imagens, seguida de descrição de conteúdos e temáticas expressas nos grafites e pichações, bem como a criação de categorias analíticas. Este procedimento foi viabilizado pela utilização de planilha eletrônica (*Excel*), na qual os dados, como o tipo de registro (grafite ou pichação) e seu conteúdo textual, por exemplo, foram inseridos, tratados e interpretados.

Concorda-se com as dificuldades apontadas por autores (CLINI, 2013; FURTADO, ZANELLA, 2009; VIANNA, 2005), na nomeação e distinção entre os grafismos. No entanto, destaca-se que a classificação quanto ao tipo de grafismo (grafite ou pichação), no presente estudo, considera somente os aspectos gráficos e estéticos explícitos na composição da mensagem. Entende-se que, muitas vezes, pichações podem conter elaborações tipográficas tão ou mais complexas do que alguns grafites, mas que parecem ter propostas distintas quanto à relação com "rebuscamentos, contorno, fundos e cores das imagens" (RAMOS, 1994 *apud* FURTADO, 2007).

Ressalta-se que a distinção quantitativa entre grafites e pichações, seguiu-se da análise psicossocial do conteúdo das mensagens veiculadas nas inscrições investigadas. Essa estabeleceu categorias temáticas na perspectiva panorâmica e interligada com as inscrições catalogadas. Busca-se contextualizar os grafites e pichações, tanto entre si mesmos, quanto com aspectos sociais e históricos que, de alguma forma, tivessem relação com sua composição. Estas categorias surgiram durante o processo de recolha de imagens, no qual foram observados temas recorrentes nas inscrições fotografadas, até a etapa de transcrição dos grafites e pichações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo resultou em 326 inscrições presentes, nas 224 imagens analisadas, 205 (63%) são pichações e 121 (37%) são grafites. Entretanto, apesar de aparecerem em menor

quantidade em relação às pichações, os grafites têm incidência significante. Entende-se tal expressividade numérica de grafites, em razão da localização do Centro de Estudos e Pesquisas Aplicadas (CEPA), que tem um extenso muro com importante expressão de grafites. No CEPA estão 143 inscrições, pouco menos do que a metade da amostra (43,86%), dentre as quais a maior parte está classificada como grafites, mas também há sobreposições de pichações.

As três categorias temáticas se apresentaram de modo expresso nos grafites: *Política* (44 inscrições), destinada a inscrições que contenham manifestação de posicionamentos políticos; *Torcidas Organizadas* (52 inscrições), referentes aos grafismos relacionados às torcidas de futebol; *Assinaturas com* 120 inscrições identificadas como grafite, e 110 inscrições como pichação, que não possibilitaram identificação de outro conteúdo temático explícito além da assinatura. Por exemplo, representam marcas, siglas ou grafias que não foram identificadas.

Nessa perspectiva, frente à afirmação de Vygotsky de que processos de imaginação e criação existem para solucionarem problemas ou impasses (VYGOTSKY, 2009), surge a seguinte indagação: quais problemáticas podem estar relacionadas à imaginação e criação expressas em grafites e pichações estudados?

Uma interpretação possível deve considerar que, as manifestações gráficas estudadas surgem para suprir a falta de representatividade de sujeitos frente aos discursos hegemônicos que compõem o ambiente das cidades. Por esse ângulo, as manifestações gráficas informais surgiriam como estratégias de participação, na construção dos espaços da cidade, nos quais estão inseridos (COSTA-MOURA, 2005; FURTADO; ZANELLA, 2009; SILVA, 2004; TAVARES, 2010).

Nesse sentido, as temáticas que estão na base das inscrições aqui analisadas são canais de comunicação de aspectos sociais e históricos que desencadeiam suas criações. Possibilita, assim, a contextualização dos grafites e pichações que estiveram em nossas lentes e foram fotografadas. Para além de considerar um produto de processos sócio-históricos vivenciados por seus autores, os grafites e pichações alcançam uma dimensão de função social - de veiculação de conteúdos ao ganharem os muros da cidade. Esta função social, como formulada por Vygotsky (1999a), refere-se à capacidade da obra de arte em ultrapassar a relação autoral e alcançar uma dimensão coletiva, de compartilhamento dos efeitos estéticos produzidos naquele que tem contato com o produto da imaginação e criação.

Uma vez nos muros, os conteúdos expressos por grafites e pichações ganham potencialidade de produzir efeitos sobre aqueles que vivenciam sua presença no cotidiano das cidades. Aquilo que mobiliza as pessoas a inscrever suas marcas, pelas vias públicas, gera uma interconexão e ocupa o espaço relacional, que também é do outro, o espaço da visão de terceiros, que são expostos aos efeitos estéticos de tais produções.

ASSINATURAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS: JUVENTUDES E SUA RELAÇÃO DE AUTORIA COM A CIDADE

A categoria temática de maior representatividade quantitativa são as *assinaturas*, nomeadas dessa forma por abarcar as inscrições tidas como marcas, siglas e símbolos. Dessa forma, tem-se o objetivo de explicitar uma relação de autoria entre as pessoas que fazem grafite/pichação e a cidade, uma vez que, ao assinar, elas utilizam recursos imagéticos eleitos como suas marcas ou de grupos dos quais fazem parte.

As marcas parecem assumir uma função de índice no contexto coletivo, pois registram as ações sobre as superfícies das edificações. Imprimem assim, no cotidiano daqueles que transitam pelo espaço, elementos que podem modificar suas experiências pela cidade. Diante disso, ao assinar o espaço público parecem atestar, simbolicamente, sua relação de autoria com o meio, que, por sua vez, também é "assinado" por outros conteúdos históricos e sociais, sejam eles também gráficos, como a propaganda publicitária, ou por arranjos físicos e arquitetônicos.

Nessa direção, pode-se refletir se há nesses espaços formais e hegemônicos (publicidade e arquitetura) modalidades de expressão, na qual juventudes exercitem uma mesma relação de autoria com os espaços que habitam. O grafiteiro entrevistado na dissertação de Furtado (2007, p. 67) explicita as tensões entre os saberes que se apropriam do espaço público e o assinam de diferentes formas, ao dizer: "...tem um monte de poluição visual aí, *McDonalds*, *Bob's*, porque a gente não pode fazer a nossa?". Portanto, pode-se refletir que, na disputa por visibilidade no espaço público, existe uma construção histórica de privilégios, onde de um lado está aquele que pode se apropriar do público e, inclusive, extrair valor desta relação enquanto que, outras práticas são vetadas e criminalizadas.

Assim, os estudos como o de Silva (2004) e Vianna (2005) mostram o potencial do grafite em processos de intervenção, um aspecto que se concorda, em razão da compreensão de que a elaboração do grafite permite um caminho de expressão do sujeito e da sua subjetividade. Essas expressões das inscrições catalogadas, como *Assinatura (Grafitagem),* se espalham pela cidade de forma ampla, divulgam suas marcas e a de grupos, como em um movimento de conquista de território. Em diferentes inscrições aparecem "assinaturas" em comum, como "PIXAL" e "MCZ CREW", que parecem apontar para um movimento de organização de grupos que compartilham marcas. Furtado e Zanella (2009) definem "*crews*" como agrupamentos de escritores de rua ou "galeras" que exercem uma "atividade autoral filiada", que assinam os nomes dessas "*crews*", em suas produções gráficas. Movimentos que registram, no grafismo estudado, estratégias de vinculação entre as diversas juventudes, os membros dos diferentes grupos e os espaços sobre os quais escrevem e inscrevem suas existências e territorialidades.

Na mesma direção, o artigo sobre a dinâmica da pixação em São Paulo, de Pereira (2010) aponta a dimensão da assinatura como uma forma de permanência na efemeridade das inscrições na cidade. Constitui assim ao grafiteiro um registro de memória não só da sua obra, mas também da sua própria juventude.

Assim como acontece na categoria *Assinaturas Grafitagem,* as inscrições identificadas em *Assinaturas Picho,* são semelhantes nos modos de demarcação de território e divulgação de marcas individuais e grupais. Entretanto, se apresenta a dificuldade em relação ao que é veiculado por algumas manifestações, como aponta Costa-Moura (2005) em seu trabalho de título sugestivo: *Manifestos de quem não tem o que dizer: adolescentes contemporâneos e os graffitis de rua*. Por vezes, o exercício tipográfico de desenvolvimento das marcas produz inscrições irreconhecíveis para a maioria, verdadeiras criptografias e perde a potencialidade comunicativa. No entanto, as afirmações de Costa-Moura (2005), que interpretam a problemática, como simples sinal de rebeldia vinculado à fase de transição da adolescência, pode acarretar uma interpretação limitadora do fenômeno.

Em contraposição, as compreensões que levam em consideração aspectos de subjetividade (FURTADO; ZANELLA, 2009; SILVA, 2004); discussões a respeito de juventudes

e questões sobre grupo (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2008; VIANNA, 2005); relações de território e pertencimento (TAVARES, 2010), evidenciam a complexidade da temática e, ao mesmo tempo, a potencialidade deste tipo de intervenção no espaço público em processos investigativos em Psicologia.

PICHAÇÃO E POLÍTICA: INSCREVER-SE E COMUNICAR-SE NA CIDADE

A categoria nomeada *Política* refere-se às pichações que disseminam mensagens relacionadas a posicionamentos políticos, referências aos movimentos e/ou personagens relacionados ao contexto da política. Muitas vezes são discursos que parecem não conseguir espaço de veiculação, em outros meios de comunicação de grande alcance, como televisão, rádio e mídias impressas.

Se na categoria *Assinatura* está materializado um exercício de construção e veiculação de marcas pelas juventudes, na categoria *Política* há um movimento de compartilhamento de discursos e ideias, que assim como as assinaturas, não se apresentam nos meios de comunicação convencionais.

Destaca-se ainda a presença de discursos contra a corrupção política (oito inscrições), e contra o processo de *impeachment* ocorrido em 2016 (seis inscrições). Além disso, são veiculadas reivindicações populares como o movimento contra aumento de passagem no transporte público e alterações no sistema previdenciário.

A insatisfação de grupos com o processo político brasileiro da época apresenta pichações contra processo eleitoral e a favor de uma revolução, bem como em grafismos que fazem referência a não votar e ao voto nulo. Muitas vezes esses discursos estavam vinculados às marcas *punks* de contracultura, como Anarkopunks, cujo posicionamento fica emblemático na mensagem: "MOV. ANARKOPUNKS, SEM PARTIDO, SEM GOVERNO". A cultura *punk* no movimento Anarkopunk é investigada por Gallo (2008), que acompanhou ocupações *punks* de prédios abandonados, na cidade de Campinas-SP, e que traz o grafismo em paredes como elemento de arte e cultura do movimento.

Nas inscrições, as referências ao movimento *punk* também aparecem, de forma indireta, como a frase "Viva Bakunin", em referência a Mikhail Bakunin (1814-1876), filósofo russo e pensador emblemático do anarquismo. A frase aparece três vezes nas inscrições analisadas, mas também pode ser observada em outras localidades da cidade.

Mensagens que remetem ao discurso de insatisfação com o processo político brasileiro parecem consonantes com as manifestações populares de 2013, conhecidas por trazer à tona um posicionamento popular de insatisfação com a classe política brasileira. Algumas inscrições parecem ser remanescentes da época, pois trazem reivindicações como o não aumento da passagem de ônibus, em que o valor combatido é de R$ 2,85 (valor proposto na época das manifestações).

A relação verticalizada, com canais de comunicação hegemônicos, aparece em discursos de quem pratica o grafismo urbano informal com o sentimento de falta de representatividade nos canais convencionais e dos discursos por eles propagados (FURTADO; ZANELLA, 2009). Com isso, a busca por alternativas no âmbito da pichação, leva as práticas que esbarram na ilegalidade, que ocasiona processos de combate às práticas exercidas por aqueles que fazem uso da pichação (VIEGAS; SARAIVA, 2015).

TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL E A PICHAÇÃO: AFETOS GRAFADOS EM MACEIÓ

As inscrições com importante presença (segundo lugar na incidência) nos muros da cidade estão relacionadas às torcidas organizadas de futebol. Essas ganham expressividade, no contexto urbano maceioense, em razão das disputas pelos muros da cidade de grupos de dois grandes times de futebol do estado: Clube de Regatas Brasil (CRB), fundado em 1912, e seu rival, o Centro Sportivo Alagoano (CSA), de 1918.

Diferentes das categorias temáticas, anteriormente apresentadas, as inscrições relacionadas às torcidas organizadas tem sua identificação com evidência, nas cores de seus respectivos times (vermelho para CRB e azul para CSA), o que resulta na guerra entre as duas cores, nos muros da cidade.

As inscrições vermelhas e azuis cortam a cidade, disputam espaço e parece rivalizar nos muros outro jogo, extensão das partidas e campeonatos de futebol. Em alguns trechos, uma cor se sobrepõe à outra, rabiscam a inscrição do rival ou escrevem ofensas umas sobre as outras. A postura gráfica em questão parece encenar aquilo que ocorre muitas vezes no encontro dos dois grupos, nos estádios e no cotidiano da cidade.

Na disputa gráfica entre as torcidas, inscrições sofrem rasuras, muitas vezes na cor do time rival. Simbolizam assim, uma disputa por espaço e reconhecimento. Além do nome das torcidas "Mancha azul" e "Comando", aparecem referências às mesmas através de abreviações e siglas como "M.A.", "C.V.", "T.O.M.A." (Torcida Organizada Mancha Azul) e "T.O.C.V" (Torcida Organizada Comando Vermelho).

Grafismos relacionados às duas maiores torcidas de Alagoas totalizam 45 das 52 inscrições, que compõem a categoria *Torcida Organizada*, quatro se referem ao time Sport, de Pernambuco. Além disso, as três inscrições restantes apresentam mensagens contra torcidas organizadas, as quais parecem fazer parte de movimento que tem crescido e surgem em outros trechos ao longo da cidade. Esse fato pode ter ligação com episódios de violência creditados aos integrantes de torcidas organizadas em seus confrontos entre torcidas e com a própria polícia (ALVITO, 2013).

Assim, as inscrições nos muros das cidades expressam sujeitos e subjetividades marcadas e demarcadas que, por sua vez, marcam suas assinaturas, suas vontades políticas e seus afetos esportivos. Ver a cidade pelas inscrições nela grafitadas ou pichadas é conhecer seus habitantes, seus transeuntes e seus territórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As proposições vigotskianas sobre imaginação, criação e arte permitem compreender as inscrições urbanas dos grafites e das pichações como expressões de processos relacionados à subjetividade. Dessa forma, são produtos de subjetividades, que constroem e são construídas no cotidiano urbano. Marcas de um processo dialético de subjetivação, que produz efeitos em quem vivencia a experiência proporcionada por grafites e pichações. As mensagens compartilhadas e difundidas, por essas produções, podem povoar nossa memória, com seus conteúdos, ou seus efeitos estéticos - das formas e cores - que constituem o grafite e a pichação.

A relação da dependência dos produtos da imaginação e criação para com as vivências do sujeito (VYGOTSKY, 2009) pode ser aferida, através das temáticas e conteúdos

analisados, os quais trazem elementos sociais e históricos que servem de inspiração concreta para grafites e pichações. Assim, as ideias políticas, culturais, desportivas, vivenciadas no cotidiano da cidade, compõem a realidade de quem pratica o grafismo urbano informal e que, de alguma forma, impactam suas vidas e, consequentemente, expressam nas inscrições aqui analisadas.

Ainda se considera que a imaginação e criação podem solucionar impasses vivenciados pelo sujeito (VYGOTSKY, 2009). Portanto, as categorias pontuadas se configuram como problemáticas sociais e históricas a serem superadas para determinadas pessoas ou grupos.

O grafismo urbano informal analisado se constitui como veículo de manifestações de ideias de indivíduos e grupos**,** que nem sempre encontram espaço de identificação e representatividade em outros meios de comunicação, tidos como hegemônicos (FIGUEIRO, FIGUEIRÓ, 2014; FURTADO, ZANELLA, 2009). Nesse sentido, grafites e pichações parecem ferramentas de expressividade e contestação, pelas quais sujeito e subjetividade exercem movimento de apropriação do espaço cotidiano, em uma composição mútua (FURTADO; ZANELLA, 2009).

Por fim, considera-se que os estudos devem avançar e ampliar a compreensão da posição que grafites e pichações ocupam na lógica cotidiana das cidades. A complexidade desse fenômeno vai além de uma compreensão, como simples mecanismos de vandalismo e depredação de patrimônio público e privado (SILVA, 2004). Questões a respeito de quais seriam os canais de comunicação e discursos materializados neste tipo de produção gráfica? Ou ainda: o que fazer com essas demandas e expressões comuns, entendendo-as como sobre processos de relação do sujeito com o meio e a construção de ambos? São questões que podem impulsionar novos estudos.

YOUTH EXPERIENCES IN URBAN SPACES: GRAFFITI AND SPRAY PAINTING AS EXPRESSIONS OF SUBJECTIVITY

Abstract: *Graffiti and spray painting are privileged resources for approaching the youths' constitutive psychosocial processes and social movements. Accordingly, the objective is to reflect on the youth in the urban context and establish their psychosocial relations with the territories and their processes of mutual constitution, through the registration of 224 photographs on 24.2 kilometres of public streets in Maceió, Alagoas. The qualitative analysis outlined 326 inscriptions present in the images, with the thematic categories: Signatures, Organized supporters and Politics. The results indicate urban graphics as an objectification of the plurality of youths within their marks, discourses and the use of alternative ways against hegemonic channels of communication. In conclusion, the urban inscriptions of graffiti/spray painting are expressions of subjectivity. Political, cultural, sports ideas experienced in the city are shared and disseminated by these products, and constitute memory, as their social and historical contents, or their aesthetic effects - of the shapes and colours - constitute them.*

Keywords: *Youths. Subjectivities. Social Psychology.*

Referências

ALVITO, M. Maçaranduba neles! Torcidas organizadas e policiamento no Brasil. *Tempo*, v. 19, n. 34, p. 81-94, 2013. Disponível em:https://dx.doi.org/10.5533/TEM-1980-542X-2013173408. Acesso em: 10 maio 2019.

AUGUSTIN, D.; GEARA, G.; KESSLER, H.; CASTRO, R. *Desnaturalizando o conceito de Juventude através dos tempos.* (s.d). Disponível em: http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/tempo/juventude-texto.html. Acesso em: 07 out. 2019.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70, 2006.

CEARÁ, A.; DALGALARRONDO, P. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. *Psicologia USP*, v. 19, n. 3, p. 277-293, 2008. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642008000300002. Acesso em: 10 out. 2019.

CLINI, M. M. As Cores de Pastore: reflexões fenomenológicas sobre o grafite e a arte de viver. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 13, n. 2, p. 646-676, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/ v13n2/v13n2a14.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

COSTA-MOURA, F. *Manifestos de quem não tem o que dizer*: adolescentes contemporâneos e os graffiti de rua. *Estilos clin.*, 10(18), 116-130, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/esti c/v10n18/v10n18a10.pdf. Acesso em: 05 set. 2017.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004. Acesso em: 05 set. 2017.

FURTADO, J. R. *Inventi(cidade): os processos de criação no graffiti.* (*Dissertação de Mestrado*) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2007.

FURTADO, J. R.; ZANELLA, A. V. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 9, n. 4, p. 1279-1302, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v9n4/10.pdf. Acesso em: 27 jun. 2017.

MINAYO, M. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa, v. 5, n.* 7, p. 1-12, 2017. Disponível em: https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59. Acesso em: 15 nov. 2019.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa.* Petrópolis: Vozes, 2007.

PADILLA, V. *A pichação como fenômeno socioambiental na cidade de Manaus*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013.

PEREIRA, A. B. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. *Lua Nova,* v. 79, n. 1, p. 143-162, 2010. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452010000100007. Acesso em: 15 out. 2019.

SILVA, R. L. Escutando a adolescência nas grandes cidades através do grafite. *Psicologia*: Ciência e Profissão, v. 24, n. 4, p. 2-11, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-9893 200 4000400002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 27 jun. 2017.

STASSUN, C. C. S.; PRADO FILHO, K. (2012). Geoprocessamento como prática biopolítica no governo municipal. *Revista de Administração Pública*, v. 46, n. 6, p. 1649-1669, 2012. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122012000600011. Acesso em: 15 mar. 2019.

TAVARES, A. Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. *ARS*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 21-30, 2010. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202010000200002. Acesso em: 10 mar. 2019.

VEER, R.V.D.; VALSINER, J. *Vygotsky*: uma síntese. São Paulo: Loyola, 1996.

VIANNA, R. de L. S. Culturas juvenis na FEBEM. *Imaginário*, v. 11, n. 11, p. 277-316, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14136 66X2005002000013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 27 jun. 2017.

VIEGAS, G. S.; SARAIVA, L. A. S. Discursos, práticas organizativas e pichação em Belo Horizonte. RAM, *Revista de Administração Mackenzie*, v. 16, n. 5, p. 68-94, 2015. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n5p68-94. Acesso em: 27 jun. 2017.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da Arte*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

VYGOTSKY, L. S. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca.* Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

VYGOTSKY, L. S. *Imaginação e criação na infância*: ensaio psicológico: ensaio para professores. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEDEKIN, L. M. Psicologia e arte: os diálogos de Vygotsky com a arte russa de seu tempo. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2015.